

TRILOGIA

QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO



ROSA RIGHETTO

midugorinibook

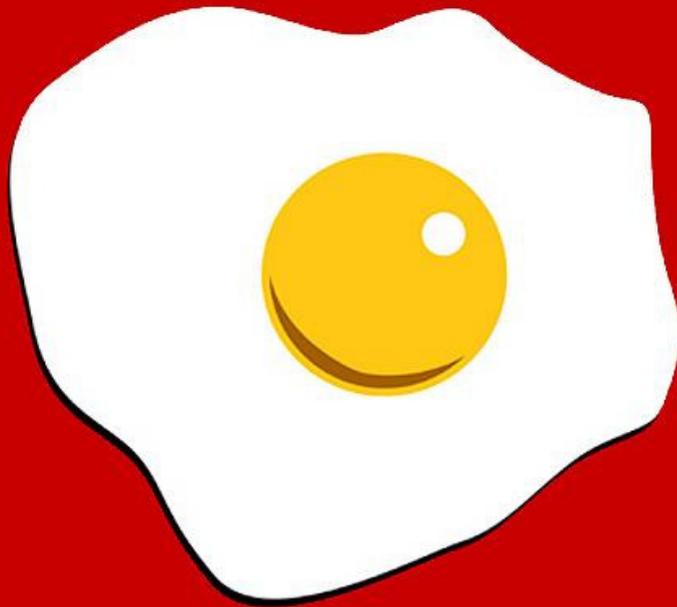
primeira edição

Rosa Righetto

QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO

“Conto Curto” (“short story”)

Primeira edição



midugorinibook



As imagens fotográficas foram
captadas na internet, portanto
são de domínio público.

Brasil. Catalogação na fonte
midugorinibook 2010 ©
midugorini@bol.com.br

Rosa Righetto/ Rosa Regina Righetto, 2010 ©
rosarigueto@hotmail.com

Quando se rompe o silêncio ® primeira edição

I. literatura brasileira. II. título

Rosa Righetto

QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO

Prefácio

QUANDO li pela primeira vez Rosa Righetto disse são palavras lavradas cravadas no coração, se o um dia o mestre Pablo Neruda lesse Rosa Righetto, com certeza diria: São poemas que foram arrancados à natureza de tal modo que do primeiro ao último, se ouve como transcorre a água e como baila o vento e como se sucedem douradas ou floridas as estações e seus frutos.

Eu digo de peito aberto de coração aberto, não existe poesia mais romântica. Ela foi de coração a coração com o aroma das pétalas das graciosas rosas preciosas, repousou esse amor na ardência da paixão até chegar a fragrância perfeita, até chegar a uma gota divina da natureza, brilhante como os grandes diamantes.

Seus poemas são talhados no fogo do leito na opala do peito, no rubi do desejo, na perola do beijo, na ametista dos corações incendiados pelo triste adeus. Seus poemas são feitos de água cristalina e ar das montanhas edificadas na transparência do cristal, que não quebra, não trinca, não risca apenas revela a verdade cristalina do amor.

Agora eu tenho o privilégio de editar a primeira trilogia de contos curtos dessa excepcional escritora, “**Quando se rompe o silêncio**”, uma história intensa, densa que certamente envolverá os leitores.

Midu Gorini



QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO - I

LAURA, mulher bonita, desde sua viuvez mora só em sua casa de campo, o marido Julio morreu de infarto fulminante, desde então ela decidiu que ficaria ali naquela casa, não pretendia se mudar para a cidade, mesmo sabendo dos comentários de que sua casa era mal assombrada. Sabia ela que de mal assombrada nada existia, mas de tanto ouvir falar, às vezes o medo a dominava.

Recebia vez em sempre visitas de duas primas muito chegadas a ela, Mariana e Iara. De poucas amigas, muito religiosa, todo o domingo

acordava de manhã se arrumava, para ir até a cidadezinha a uns dois quilômetros aproximadamente de sua fazenda, assistir a missa, habito rotineiro.

Sempre que ia à cidade ouvia os murmurinhos, as tais histórias, as pessoas que a conhecia perguntava-lhe se ela não tinha medo de continuar morando na casa, com tantas histórias relatadas.

Não, não era medo. Mas tinha sempre a impressão de que era vigiada. Sentia uma inquietação. Sim, estava inquieta, tinha de admitir. Como se pressentisse a aproximação de um perigo. Mas sabia que isso era uma bobagem. O que poderia haver, afinal? Almas de outro mundo não existem. Mas ela própria ficara curiosa com as histórias de fantasmas

Em uma de suas noites solitárias o silêncio se rompe, Laura ouve a porta ranger, barulhos de corrente se arrastando, gemidos, o pavor toma conta, apavorada não sabe o que fazer se abre a porta do quarto e sai correndo ou se fica quietinha, decidiu por ficar quieta, acabou dormindo.

No outro dia levantou-se como de costume, fez seu gostoso cafezinho, e foi dar uma olhada no interior da casa e também nos arredores, não viu nada de estranho então imaginou ter sido realmente um pesadelo. Teria sido mesmo um pesadelo? E assim a vida transcorria sem pressa, o tempo fluindo lentamente.

Teria que não deixar transparecer nenhuma preocupação quanto à noite anterior, pois, as primas chegariam para passar uns dias com ela.

Em uma de sua ida à cidade na companhia das primas, já no esconder da noite, para assistir a celebração da missa, onde tudo transcorria normal. Resolveram, Laura e as primas, alongar um pouco mais o passeio, adentraram a uma lancheteria, saborearam uns petiscos, a seguir pegaram o caminho de volta.

Já se fazia tarde, próximo a meia noite. Uma noite fria, neblina, o caminho se tornava mais sombrio. Fecharam as janelas. Vidro embaçado mal se enxergava o caminho à frente, e o carro seguia devagar, pelo chão de barro escorregadio. Risadas nervosas cortavam o silêncio.

De repente uma das primas dá um grito, vocês viram? Vimos o que? Pergunta Laura. A prima responde:- uma mulher vestida de branco, como uma noiva, passou na frente do carro. Ouçam os gritos, Ouviram? Não, não ouvimos nada, seu coração acelera, no rosto o pavor. Laura diz à prima, é sua imaginação. Você ficou encabulada com as histórias que ouviu na cidade, esqueça isso, estamos chegando.

Em casa, mais ou menos refeita do susto, a prima se aquieta, Laura arruma os quartos de hóspedes às acomoda e sobe para seu aposento.

Laura nada comentara, mas estivera inquieta todo o dia por causa dos acontecimentos estranhos, não queria pensar, como um lugar tão bonito, tudo tão agradável poderia ser palco de acontecimentos fantasmagóricos. Não, não havia razão para se sentir inquieta. Precisava se livrar daquele aperto no peito.

Assim foram passando os dias. Uma noite depois do jantar, Laura e as primas aquecidas por vários copos de vinho tinto, foram todas para fora. Muito bem agasalhadas, pois o frio era cada vez mais cortante. Tudo transcorria normal, hora de repousar, fecharam todas as portas e foram dormir.

Laura entra no quarto, tira a roupa, deita-se, meio que adormecida sente de repente um arrepio, calafrio, mãos tocando primeiro em seu rosto, depois pescoço, pelos ombros, nos seios, se excita, quer gritar, correr, mas não, parece estar gostando apesar do medo. A respiração ofegante se aproxima cada vez mais, buscando-a. Continua entorpecida. É uma sensação estranha, feito apenas de tato e cheiro. Arrepiava-se, estremece. Pensa abrir os olhos e ver de perto a presença assombrosa.

Mas não, se mantém imóvel e silenciosa, para que seja possuída, se sentia totalmente envolvida, uma sensação boa, gostosa. Seria a tal assombração? Fantasma? Era um aroma muito bom, fino, translúcido, vindo de outro mundo, emergindo das sombras, para tomá-la. Estremecida de pavor e desejo, Laura se entrega a essa delícia, sem saber o que lhe proporcionava tanto êxtase.

Não, não estava sonhando. Laura sabia. Sabia também que já não era preciso fugir, que tudo era real. E, portanto o medo cessou. Já não sentia pavor ou aflição. O aroma doce do leite penetrou o ar com sua essência perene.

Laura abre os olhos. Em meio ao marasmo, a penumbra rósea que penetra pela porta semi-aberta, faz com que ela veja o brilho dos olhos, matizados, iluminados, como a luz que a envolve. São os Olhos da prima. Sim, da prima, e sabe que não foi um sonho. Na verdade a casa nunca fora mal assombrada, a situação já existia bem antes do falecimento de Julio.

Laura está presa na teia de um passado que veio a tona. De sobrenatural nada tem a ver, e sim daquele amor de mulher, doce e proibido. Pressentira-o há tempos, lutara contra ele, fingira não sentir. Agora já não pode mais fugir.

Laura está frente a frente com sua assombração.

ROSA RIGHETTO

07/12/09



QUANDO SE ROMPE O SILENCIO – II

GRITOS soltos ecoam até o céu, mística noite, constelações de afagos e desejos viajam através dos sonhos. Assim sobeja de áureas brilhantes. Em desejos arfantes se encontra Laura, depois de ter entendido que de fantasmagórica sua casa nada tinha, e sim um desejo ardente incontável pela doce prima Mariana. Ou será que ainda ronda por lá um fantasma.

Tudo começou quando Júlio ainda era vivo. Laura ficou doente, deprimida sentia-se muito só, apesar de morar num lindo lugar com todo conforto, não lhe faltava nada. No entanto dizia-se infeliz, estava sempre em

busca de algo mais. Quando então Júlio propõe buscar as primas Mariana e Iara para fazer companhia a Laura, que aceitara de imediato.

Com a chegada das primas, Laura se reanimou, voltou a sair, estavam sempre juntas, tudo era motivo para gargalhadas. Como sempre, muito frio à noite, se aqueciam contando histórias e ouvindo absorto o crepitar das chamas na lareira de pedra, enquanto a escuridão e a tempestade avançavam seu curso eterno do lado de fora das paredes que as aconchegavam e as protegiam, Laura oferecia um licor que ela mesma preparava com ervas finas.

Numa dessas noites frias Laura acorda na madrugada para ir ao banheiro, quando ouve gemidos, cada vez mais intenso, abre a porta devagarzinho, porém a vontade de urinar era cada vez mais insuportável. Sua calcinha já estava úmida de gotas de urina que escaparam do seu controle, contudo, manteve-se paralisada e atenta ao som que ouvia.

Um som estranho vindo da cozinha. Estava parada no corredor, entre a sala de estar e a própria cozinha, a respiração ofegante. Espia pela porta entreaberta e vê seu marido afoito em cima da prima Iara, que se deliciava de prazer em devassidão ardente. A realidade veio à tona como um raio que corta um carvalho velho ao meio. Sua mente se abriu e tudo se tornou claro, Júlio seu marido fazia amor com a prima Iara. Fez o maior esforço para se manter de pé, sua mente flutuava pelos ares, sentindo a potência do golpe transpassando o próprio corpo e o resto de razão que lutava para ficar no controle. Retorna ao seu quarto remoendo ódio, decepção, depois de muitas horas consegue por fim adormecer.

No dia seguinte Laura refletiu infatigavelmente durante horas, com a mente concentrada em alguns acontecimentos que a levassem entender o porquê Júlio a teria traído, e logo com a prima. Sorvendo seus pensamentos observa uma curiosa sombra a cair oblíqua sobre o tapete do chão, levanta os olhos e vê a prima Mariana que a observa como se soubesse, ou lesse os seus pensamentos. Mariana lhe presenteia com uma flor como forma de carinho a consolar. Laura devaneia durante horas sobre o perfume da flor. Perdeu completamente a sensação de movimento ou de existência física, perseverando obstinadamente e por longo tempo num estado de absoluta imobilidade. Decide nada dizer, ninguém saberia que ela havia descoberto a dupla traição, da prima Iara e do marido Júlio.

E assim a vida segue adiante. Laura cada vez mais apegada com a prima Mariana. Brincavam, gargalhavam, corriam pelos campos verdejantes noite adentro. Vestidas de branco cabelos longos, criavam e imaginavam como se fantasmas fossem. Passavam horas deitadas na relva branda. O murmúrio do vento ecoava na noite e por vezes adormeciam.

Certa noite numa dessas brincadeiras quando Laura acordou preguiçosamente, sente a respiração de Mariana bem próxima a sua. Laura sente seu corpo estremecer, o coração acelerar, estão muito próximas.

Olham-se por alguns momentos, os corpos suados se encontram. Mariana toca seu amor pela primeira vez, como se não acreditasse que ela estava ali em seus braços. “Deus, ela é tão linda tão minha!” Desde sempre soubera que Laura seria seu fadário, que viera ao mundo por ela, para ela. Não havia escolhas. Desceu as mãos trêmulas ao encontro dos seios macios. Apertou-os suavemente, porém, ao ouvir o gemido perto de seu ouvido, se descontrolou. Agarrou-os com desespero, apertou-os nas mãos meio perdida, sem saber como controlar a ânsia de um desejo tanto tempo reprimido.

Sentiu as mãos carinhosas segurarem as suas e ergueu os olhos em direção ao rosto de sua adorada. Sorriu, porém, um sorriso trêmulo, nervoso, apreensivo e que foi de modo pleno retribuído e então viu os olhos cor de mel abrumar. Sentiu um frio deleitável descer pelo seu estômago e uma dor latente em seu sexo. A boca flexível buscou seus lábios e ao sentir o toque da língua a pedir passagem, os abriu, gemendo ao sentir o sabor daquela que tanto desejava. A prima Mariana em seus braços, segurou firme suas nádegas e as apertou, puxando-a para si. Sentiu as mãos aludir entre suas pernas, desejosas de um toque mais profundo. Era tão bom, tão certo, tão único.

- Amo tanto você. - Sussurrou baixinho, fascinada, ao ouvido daquela que sempre fora a dona de seu coração.

E assim iniciou uma paixão ardente entre duas mulheres, ou seja, primas de primeiro grau.

Laura e Mariana.

Agora, frente a frente, vivendo essa abrasadora paixão.

E fora assim, que Júlio teve um infarto fulminante, depois de ver Laura sua mulher, nos braços da prima Mariana. Não suportou flagrar a traição.

ROSA RIGHETTO

10/12/09



QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO - FINAL

EM PLENO sol de outono, abrindo a alma para os cristais dos dias mais risonhos, desfiando em alegria, pelo horizonte infundo, Laura segue morando ali no mesmo local, em amores ardentes com a prima Mariana, sem se preocupar com os falatórios de fantasmas ou assombrações na dita casa em que morava. O registrador do sol não para e a vida continua em dias de alegrias e dourada lâmina no obscuro girassol do amor nas madrugadas frias, ou nas tardes chuvosas. Laura está mergulhando nesse seu "novo mundo",

descobririndo a si mesmo, é ai então que começam suas experiências amorosas. Juntas passam por contentamento e consternação.

Era uma noite de sexta-feira de inverno, Laura e Mariana estavam indo para a cidadezinha cumprir o tradicional ritual de assistir a celebração da missa, evitando assim falatórios. Iara não quis ir, pois acabara de chegar de viagem, esteve na cidade grande por um período longo, depois da morte de Júlio, (nunca soubera que Laura havia descoberto seu caso com Júlio) dizia não estar muito bem, estava cansada da viagem.

O frio não era muito, entretanto algumas pessoas usavam casacos pesados. Laura sentia o ar gostoso no rosto pela janela do carro, apesar de gostar mais de calor, o frio a estava fazendo bem esse ano.

Na cidade transcorrera tudo bem, resolveram alongar um pouco mais, Era tarde quando Laura e Mariana chegaram, passava das três horas da manhã. Laura vai até o banheiro, quando retornava percebeu uma iluminação pelas frestas da porta do quarto de Iara.

Correu ao quarto a fim de apagar. Porém a luz não se estagnava na porta. Passava lentamente pelas janelas e pela porta outra vez. Alguém como uma luminária parecia circundar o quarto de Iara.

Isso deixou Laura estarrecida de medo, deu uma olhada pela fresta da porta entreaberta e viu uma sombra. Era uma sombra a princípio nebulosa. Depois, percebeu perfeitamente que a sombra se desenhava na parede, contornos nitidamente humanos. Mas a sombra que se projetava na parede não era a dela. Era a sombra de alguém que deveria estar às suas costas. Virou-se, mas não havia ninguém ali. E viu, já quase em pânico, que a sombra afastava os braços do corpo – para cima da cabeça artisticamente delineada, na qual era possível perceber os contornos das orelhas ressaltantes – e assumia a postura de alguém que pretende lançar-se furiosamente contra outrem. Sim, as mãos crispavam-se e as longas unhas tremiam. Algo estava para acontecer ali.

Laura estava prestes a fugir, quando a sombra evoluiu da parede em sua direção. Em frações de segundos, constatou que aquela sombra ganhava massa volumar, modelava-se em pleno ar, infiltrava-se de um conteúdo visível, pensou Laura ter visto a imagem de Júlio. Soltou um grito sufocado tamanho desespero, pavor, saiu correndo foi para o seu quarto, comentou com Mariana, que sonolenta não deu importância.

Ao acordarem pela manhã, constaram que Iara havia falecido. Laura se negava a ligar os fatos. Segundo o médico legista que assinou o atestado de óbito, Iara teve uma parada cardíaca respiratória. Fizeram o funeral tudo nos conformes e continuaram suas vidas rotineiras.

Assim viviam as primas cada dia uma surpresa. Ali uma região fria, com ventos fortes, e, à luz cálida da Lua, se transforma num local sóbrio e assustador.

Os anos foram passando, Laura e Mariana envelheceram, contudo novos acontecimentos as rondavam. Vez ou outra viam a mulher de branco que Iara

tinha visto em uma das vindas delas da cidade, depois da morte de Iara tornou-se mais freqüente as aparições.

Laura passava a maior parte do tempo sentada em sua cadeira de balanço na sacada, olhando fixamente a floresta logo abaixo, enquanto os brilhos dos relâmpagos revelavam detalhes da vegetação se agitando sob as intempéries.

Na lareira, permanecem entorpecidos, restos de carvão e cinzas, já há um bom tempo apagados, e no chão, ao lado, a garrafa de licor de ervas, ainda com parte do líquido em seu interior. O licor encerra a mágica capacidade de penetrar nas lembranças de Laura, alguns acontecimentos.

Até hoje os moradores mais velhos de Constantino, nome da cidadezinha próxima onde Laura morava, sim morava, porque Laura e Mariana morreram juntas congeladas, numa noite horripilante de frio no terraço da casa.

Dizem que ainda rondam por lá os seus fantasmas, inclusive Júlio e Iara. Que até os dias de hoje, duas mulheres vagueiam pelos campos da fazenda, vestidas de branco, Mas somente as pessoas que estão para morrer conseguem ver as almas e ouvir o som de suas gargalhadas. Laura e Mariana.

ROSA RIGHETTO

14/12/09

Rosa Righetto

QUANDO SE ROMPE O SILÊNCIO

“Conto Curto” (“short story”)

Primeira edição